

PRN quer vencer crise em 6 meses

Rio — Em seis meses de governo, Fernando Collor de Mello pretende adotar medidas exigidas pela população e iniciar as reformas econômicas que o País necessita para sair da crise. Foi o que o candidato do PRN anunciou ontem pela manhã, quando desembarcou no aeroporto internacional do Galeão, procedente de Londres, depois de 15 dias em que manteve contatos políticos com lideranças européias. Collor de Mello recebeu satisfeito os 42,8% das preferências do eleitorado, conforme resultado de pesquisa divulgado pelo Instituto Vox Populi, e acredita que as outras pesquisas apresentarão a mesma tendência. "Elas registrarão ainda mais meu crescimento". Considerou a viagem um êxito, mas descartou qualquer inclinação pelo trabalho ou social democracia européia. "Sou um reformista cristão", definiu-se ele. "Estamos muito confiantes de que em seis meses encontraremos os caminhos para sair da crise, alicerçados basicamente na legitimação do voto popular com a autoridade e a determinação política de promover reformas, que, para serem coroadas de êxito, terão que começar no combate direto à inflação e à corrupção", disse ainda Fernando Collor de Mello. "O prazo de seis meses é curto, mas se nesse período o futuro presidente não mostrar a que veio eu temo pelo futuro de nosso País", completou.

No pouco tempo em que permaneceu no Rio de Janeiro - antes de seguir para Barbacena, em Minas Gerais, com o deputado Hélio Costa -, o candidato do PRN permaneceu na sala Vip do aeroporto do Galeão, onde conversou com alguns políticos e recebeu a cantora Alcione, que disse ainda não ter se decidido por sua candidatura.

Viagem

Fernando Collor de Mello, disse ter a certeza de que conseguiu pôr fim às versões, segundo as quais o ex-governador Leonel Brizola (PDT) seria o único postulante com reconhecido trânsito político internacional. Após correr os olhos na lista preparada por sua assessoria com os nomes das personalidades com quem se avistara, Collor de Mello aceita o desafio: compara o seu périplo pela Europa com a viagem de Leonel Brizola:

— Na realidade, não há o que comparar. Se colocarmos lado a lado os nomes de meus interlocutores e os dele saltará aos olhos o êxito de minha viagem - resume.

Collor de Mello aposta tanto nos efeitos destes encontros internacionais que já programa uma nova viagem para o início de setembro. Esta seria aos Estados Unidos, onde se encontraria com autorida-



des econômicas. A data foi escolhida estrategicamente: ela precede à próxima reunião do Fundo Monetário Internacional, na qual o debate sobre a dívida dos países do Terceiro Mundo ocupará boa parte da pauta. O candidato pretende lançar, nos Estados Unidos, a proposta de tratamento diferenciado aos países devedores da América Latina. Ele acha que poderá obter apoios dentro do FMI.

Cuba

Para se livrar da pecha de conservador que lhe é imposta pelos adversários à esquerda, Collor de Mello sonha também com uma viagem a Cuba. Sem ainda qualquer manifestação favorável do comandante Fidel Castro, o candidato do PRN já autorizou seus assessores a darem andamento aos contatos preliminares.

O único percalço de seu giro pela Europa se deve à decisão do presidente da França, François Mitterrand, de não recebê-lo. Hoje, talvez, fosse outra a sua posição. Um dia após retornar de uma viagem de negócios ao Brasil, Robert Mitterrand, irmão de François, participou de um jantar oferecido a Collor de Mello, na embaixada do Brasil. Confessou estar impressionado com a popularidade do candidato no Brasil.

Os encontros de Collor de Mello tiveram características peculiares: com Mário Soares, predominou a discussão sobre a possibilidade de Portugal abrir as portas para o Brasil penetrar no Mercado Comum Europeu. Com o primeiro ministro da Alemanha, Helmut Kohl, meio ambiente foi o tema central; e com a primeira-ministra Margaret Thatcher privatização e dívida externa foram os assuntos.

O encontro com o Papa João Paulo II valeu pelo próprio fato de ter acontecido, pela gentileza de Sua Santidade de recebê-lo em audiência privada. Teve participação decisiva nas negociações com o Vaticano, o cunhado de Collor de Mello, Marcos Coimbra, Embaixador do Brasil na Grécia.